



NARRATIVAS DOS(as) PROFESSORES INDÍGENAS EM RONDÔNIA SOBRE O DIÁLOGO INTERCULTURAL

Maria Lucia Cereda Gomide ¹

RESUMO

A presente pesquisa pretende refletir sobre a importância dos cursos interculturais indígenas existentes hoje nas universidades do país. Estes cursos vêm formando professores indígenas, que têm contribuído para a valorização da diversidade de saberes, existentes na rica sociodiversidade brasileira. Discute-se a descolonização dos saberes, como é vista pelos professores indígenas esta vivência do diálogo intercultural, como vem modificando e empoderando a narrativa / percepção indígena sobre suas culturas e saberes ancestrais. Por outro lado, a escola indígena ainda se apresenta como local da colonialidade, sendo assim também criticada pelos próprios indígenas.

Palavras-chave: interculturalidade, educação escolar indígena, cultura indígena, descolonização.

RESUMEN

La presente Investigación pretende ser una reflexión sobre la importancia de los cursos interculturales indígenas que existen hoy en las universidades del país. Estos cursos vienen formando maestros/profesores indígenas, que han contribuido para la valoración de la diversidad de saberes existentes en la rica sociodiversidad brasileña. Discute la descolonización de los saberes y como es visto por los maestros indígenas esta vivencia del dialogo intercultural, y como viene modificando y empoderando la narrativa / percepción de los indígenas sobre sus culturas y saberes ancestrales. Por otra parte, la escuela indígena aún se presenta como local de colonialidad; siendo así también criticada por los propios indígenas.

Palabras clave: interculturalidad, educación escolar indígena, cultura indígena, descolonización

INTRODUÇÃO

Este texto faz parte de uma reflexão em andamento sobre as narrativas dos alunos/professores indígenas sobre as suas próprias culturas/identidades e o papel das

escolas nas aldeias, após a formação no curso Licenciatura em Educação básica intercultural no estado de Rondônia, do qual sou docente desde 2010. As Licenciaturas

¹ Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Educação básica intercultural da Universidade Federal de Rondônia malugomide@unir.com;



Interculturais, vem atender as demandas indígenas para que estes possam atuar em suas aldeias, como professores nas variadas áreas do conhecimento.

De acordo com Dal BÓ, 2018, estas licenciaturas deveriam ter um recorte específico para cada povo indígena, ou seja,

Como as escolas têm a prerrogativa de serem específicas a cada povo indígena, idealmente os cursos também deveriam seguir esse recorte. Na maioria dos casos, contudo, funcionam por meio de recortes regionais, agregando professores/as que se declaram pertencentes a povos indígenas distintos. (DAL BÓ, 2018:63)

Este é o caso de Rondônia, onde o curso atende vários povos indígenas, de diferentes terras indígenas, históricos de contato, línguas e culturas. Assim, são mais de 20 povos participantes no Departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. Esta experiência importante, onde os professores indígenas têm oportunidade de refletir sobre as suas práticas nas escolas indígenas, e mais que isto de valorizar suas culturas.

Tais cursos apresentam como objetivo refletir sobre possíveis dinâmicas, currículos e calendários que mais se aproximem dos modos indígenas de conhecer/saber (denominado na Constituição Brasileira de 1988 como “processos próprios de aprendizagem”), relacionados aos povos indígenas aos quais as/os discentes presentes se declaram pertencentes. Com isso, buscam dar continuidade, no nível de ensino superior, à reflexão presente sobre/nas escolas indígenas, abrindo às comunidades indígenas a possibilidade de decidirem pelos modelos de escolarização que desejam. (DAL BÓ, 2018:63)

Sobre a interculturalidade, Paladino e Almeida (2012, p. 15,16 *apud* DAL BÓ, 2018:65), informam que “a abordagem intercultural representou um avanço importante em relação às políticas anteriores, que perseguiram objetivos assimilacionistas ou integracionistas”. Esta abordagem tem como proposta a igualdade, quer dizer que não há sobreposição da cultura dominante sobre outra subordinada. O avanço deste modelo está em tratar a diferença como fator enriquecedor e não como obstáculo”. (idem)

Desta forma, a presente pesquisa pretende ser uma reflexão sobre a importância dos cursos interculturais indígenas existentes hoje nas universidades do país. Estes cursos vêm formando professores indígenas, que têm contribuído para a valorização da diversidade de saberes, existentes na rica sociodiversidade brasileira. Para Boaventura



Sousa Santos,(2010 p. 43,44) em sua discussão sobre uma epistemologia do sul, existe uma grande diversidade de pensamentos, ”formas de ser, sentir e conceber o tempo e a relação entre seres humanos e seres humanos e não humanos, de ver o passado e o futuro, de organizar coletivamente a vida (...) enfim muitas outras formas de alternativas de convivência e visões de mundo que não são valorizadas pelo mundo acadêmico ocidental.”

A pergunta que orienta a pesquisa é como a colonialidade presente nas vidas dos povos indígenas, vem sendo questionada por eles em sua formação como professores interculturais?

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as narrativas indígenas em suas participações na universidade, como esta vivência do diálogo intercultural vem modificando e empoderando a narrativa /percepção indígena sobre suas culturas e saberes ancestrais.

METODOLOGIA

A metodologia parte da pesquisa participante, sendo a pesquisadora, professora do curso intercultural em Rondônia. Sendo portanto, uma pesquisa ”Traduzida em trabalho político” (BRANDAO,2001). Resultante de um processo de anos de trocas interculturais, diálogos, coletas de depoimentos, convivências, e observações em campo, no qual a proposta de “a descobrir seu método à medida que o praticava enriquecendo – o em direção ao método próprio ao seu objeto, dialogando com o saber acumulado, experimentando, intercomunicando compartimentos.” (LEONEL,1998:8)

Nos procedimentos metodológicos analisa se o material coletado durante as aulas no curso intercultural, e das pesquisas feitas pelos alunos em seus trabalhos de conclusão de curso.

REFERENCIAL TEÓRICO

Orientada pela nossa questão principal, ou seja, como a colonialidade é questionada pelos povos indígenas em sua formação como professores interculturais? Busca se em um movimento, a igualdade de narrativas por meio da interculturalidade, e da descolonização dos saberes. Como afirma Porto Gonçalves, os povos indígenas nos



oferecem uma riqueza de conhecimentos, um patrimônio que deve ser considerado, e mais do que isso, deve se descolonizar o nosso pensamento /ação,

Afirmamos, pois, que é da natureza do pensamento/ação colonial inferiorizar o diferente como condição da sua colonização: ninguém coloniza ninguém que considere igual ou eventualmente superior. Enfim, a inferiorização do outro/do diferente é condição da colonização. Logo, descolonizemos. (PORTO GONÇALVES, 2015 p. 238)

Considera se, os professores indígenas como intelectuais, que vem analisando suas próprias culturas e práticas escolares. Neste sentido concorda se com Monte (1996:70,71), ao considerar que em “contexto cultural indígena o novo papel intelectual exercido pelo professor deve ser dialeticamente considerado (...) Ao mesmo tempo em que são mediadores principais de suas sociedades com a sociedade nacional, estes professores são os pregadores e fortalecedores de uma ideologia e um sistema de valores ancorados na tradição”(MONTE,1996:71).

Apesar das reflexões e mudanças que vêm ocorrendo com estes professores indígenas, passarem por processo de formação onde se fortalece sua própria cultura, a escola permanece em muitos aspectos como uma instituição colonizada/ da colonialidade. Tassinari e Cohn (2012:267) observam que a escola é “o espaço em que índios e não índios, conhecimentos e práticas indígenas e não indígenas se encontram, negociam seu papel e seu espaço, se comunicam ou se veem impossibilitados de se comunicar”. E assim buscando a descolonização das escolas das aldeias e de seus saberes, a universidade vem sendo responsável por ampliar o debate, e um novo contexto onde , como afirma Almeida, ”o que, para nós, garante a relação intercultural, porque se encontra em sua base, é o diálogo entre as diferentes vozes.” ... ”uma oportunidade de abertura ao diálogo entre as diferentes formas de expressão que denotam a diversidade cultural do país.”(ALMEIDA, 2009: 241, 256,257).

Recorrendo ainda a autora Almeida, sobre o papel relevante da universidade brasileira no encontro com as culturas indígenas, onde a interculturalidade é ”esse entrelugar ” ou afirma se que

é o lugar de um encontro que só se dá na radicalidade da diferença e na impossibilidade de se continuar ignorando-a ou de se fazer dela um eterno obstáculo. Talvez assim haverá condição para o desenvolvimento de uma nova episteme na produção acadêmica, por meio do reconhecimento de realidades outras – as terras e as línguas



indígenas – que suscitarão novos olhares e novos deslocamentos, contribuindo para uma forma diversa de avanço nas ciências, nas artes, nas filosofias. (ALMEIDA,2009:257)

Para sairmos da trilha da história única, necessitamos dar voz para as outras histórias, outras realidades, para que haja equilíbrio de narrativas. E neste sentido que o diálogo intercultural dentro das universidades ganha tamanha força e potência. O protagonismo dos professores/intelectuais indígenas vem reparar essa lacuna trazendo a de volta a dignidade aos povos. Como bem afirma Adichie, (2019 p. 27) sobre o perigo de uma única história e que ao se "roubar a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum."

Portanto, um conceito fundamental a ser destacado nesta discussão é o de colonialidade. De acordo com Candau, e Oliveira, 2010, citando Quijano, e Grosfoguel, explicam sobre a colonialidade do saber :

“Quijano fala também da colonialidade do saber, entendida como a repressão de outras formas de produção de conhecimento não-europeias, que nega o legado intelectual e histórico de povos indígenas e africanos, reduzindo-os, por sua vez, à categoria de primitivos e irracionais, pois pertencem a “outra raça”. Essa afirmação da hegemonia epistemológica da modernidade europeia, que se traduz num racismo epistêmico ou, como afirma Grosfoguel (2007), sobre como a “epistemologia eurocêntrica ocidental dominante, não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico” (GROSFOGUEL, 2007, p. 35 *apud* CANDAU e OLIVEIRA, 2010 :20).

Neste contexto, então, torna-se fundamental ouvir as narrativas dos professores indígenas, suas reflexões e a procura pelo diálogo intercultural, na busca que este diálogo seja descolonizador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como decolonizar a escola indígena, como saber o que a interculturalidade pode ser feita por nós e por eles...tantas interrogações... não se busca aqui afirmar, mas apontar os desafios e questionamentos, para reflexões que nos levem ao entendimento das formulações do pensamento indígena. Neste sentido as palavras indígenas nos ensinam sobre os impactos e significados da formação intercultural.



A nossa formação como professores é muito importante para nós, no intercultural, ela é de grande importância porque com essa formação a gente pode contribuir muito com o nosso povo, no sentido assim de fortalecer o nosso conhecimento é algo que nós não valorizava, antes de fazer o intercultural e que dessa forma a nossa língua a cada dia que passava ia sendo esquecida e nós não dava importância nenhuma do que nós sabíamos, então essa formação fez com que a gente olhasse em nossa volta e percebesse o que a gente tinha de bom, que não era valorizado. (JABUTI, José Roberto, 2015 *apud* DJEOROMITXI, 2015 p.53)

Constatou-se que por meio do diálogo intercultural, os alunos/professores indígenas do curso passaram a valorizar suas culturas e línguas maternas.

Quando se fala de língua e cultura digo que a formação intercultural, fez com que a gente perdesse a vergonha de falar a língua do nosso povo. (JABUTI, José Roberto, 2015 *apud* DJEOROMITXI, 2015 : 52,53)

Ao refletir sobre suas trajetórias, os professores indígenas em Rondônia, entendem seu papel no fortalecimento de suas culturas, e enfatizam a importância da formação intercultural.

Hoje na comunidade os meninos já ficam dizendo que querem estudar, querem ir para universidade, querem ser algumas coisas na vida, mas não pensam em ficar mais na cidade como antes pensavam, até era essa a nossa ideia. Hoje os alunos têm outra ideia, querem estudar, se formar e voltar para sua comunidade. ... Essa é a contribuição do Intercultural, nessa parte hoje os alunos querem estudar mas voltar para aldeia com outra visão e tentar ajudar aquele que não quis estudar ou não teve oportunidade .. (JABUTI, José Roberto, 2015 *apud* DJEOROMITXI, 2015: 54)

Em outras áreas do conhecimento, como a matemática, os próprios indígenas fazem referência à importância de sua pesquisa intercultural.

Depois que eu entrei na universidade comecei a pesquisar sobre matemática do meu povo, foi aí que descobri que meu povo tinha matemática..Quando eu não tinha esse conhecimento eu pensava que meu povo não tinha matemática. A nossa matemática não está reconhecida nas sociedades dos não-indígenas. Através do meu estudo eu quero vitalizar a matemática do meu povo para ser reconhecido e ensinado na escola da minha comunidade, porque eu não acho justo você ensinar o que é do outro e você desvalorizar o que é seu. (...)

Depois da pesquisa com minha mãe Wao Xai Ororamxihein eu fiz reunião com a comunidade para apresentar o meu trabalho, falei para eles que o tema do meu trabalho era saberes matemáticos do povo Cao Orowaje, ... Eles gostaram muito da minha pesquisa, fizeram muitas



perguntas sobre o meu trabalho. Algumas pessoas da comunidade pensavam que nós não tinha saberes de matemática. (OROWAje, 2015:09, 19)

Contraditoriamente, ao mesmo tempo que ganham força as suas reivindicações e mesmo a suas posições enquanto valorização de suas culturas vindos com a formação intercultural, as escolas continuam com práticas colonizadoras.

A SEDUC não respeita as nossas diferenças. Para eles o que vale é a quantidade de conteúdo e da carga horária de aula, não estão preocupados com o aprendizado das crianças. Na verdade a escola indígena não funciona de acordo com a formação que tivemos no intercultural. (JABUTI, José Roberto, 2015 *apud* DJEOROMITXI 2015:54)

Sobre a escola indígena Grupioni, um importante autor que discute esta instituição entre os povos indígenas, afirma que embora enfrentando inúmeros desafios, a escola se faz presente,

“ praticamente entre todos os povos indígenas. Por vários caminhos, ela se impôs como uma necessidade, e se disseminou amplamente, de tal modo que a não ser em debates acadêmicos, ela poderia ser vista como uma opção”. (GRUPIONI, 2008:13 *apud* DAL BO, 2018: 46)

Assim, a escola indígena ainda se apresenta como local da colonialidade, sendo criticada em alguns casos pelos próprios indígenas. Veja se:

Hoje o povo Paiter tem as escolas dentro das suas aldeias, devido a intenção do homem branco de socializar os índios Paiter, mas o povo Paiter deve tomar cuidado com a escola pois ela é a maior arma contra índio se ele não compreender como ela deve funcionar dentro da aldeia. Através dela aprendemos escrever e ler, coisa que nós Paiter não sabíamos, mas não só porque nós Paiter sabe ler e escrever, falar na língua portuguesa, usar roupa não deixa de ser índio, mas precisamos da escola hoje por necessidades e somos obrigados a aprender os conhecimentos não indígenas. (SURUI, 2015:44)

Ainda o mesmo autor, professor indígena Gamalono Surui, comenta sobre a educação escolar, também como uma imposição metodológica.

Uma coisa que sinto, pensando no meu trabalho é que parece que no segundo segmento do ensino fundamental o professor indígena tem que se enquadrar mais fortemente, em um sistema que não é nosso. Não é fragmentado em disciplinas que o povo Paiter pensa a educação, o ensino no dia a dia, então não dá certo, fico um pouco perdido, parece que este ritmo não combina com nossa vida. (SURUI, 2015:82)



Neste sentido também Cristine Takua, traz uma contribuição interessante, ao refletir como o lugar escola tem alterado o ritmo e o fluxo da vida indígena nas aldeias. Em especial como atinge as crianças, como o tempo é vivido e experienciado pelos povos indígenas de forma infinitamente diferente do mundo ocidental. Questiona ainda como esta instituição é fruto da colonialidade, já que imposta.

A instituição escolar que criaram, que antes não existia dentro das comunidades, essa instituição está fazendo com que as crianças deixem de sonhar. O tempo imposto pelas instituições – hora de sair, hora para chegar, hora de merendar – faz com que as crianças percam seu fluxo natural de vida. Então é essa atenção e cuidado que nós todos devemos ter com as crianças: qual o objetivo da escola na nossa vida? ... E eu tenho observado que ao longo da história parece que as pessoas querem trazer essas instituições para dentro dos saberes dos povos tradicionais. (TAKUA, 2020:4)

Verificou-se que apesar da escola indígena ter a garantia constitucional como *escola diferenciada*, ainda certas práticas não consideram a especificidade da escola indígena, como por exemplo foi ressaltado pelos professores indígenas : as decisões sobre os próprios projetos pedagógicos específicos, ou calendários diferenciados. Outras questões importantes são em relação aos materiais didáticos, específicos e bilíngues, ou em língua materna, uma lacuna das escolas indígenas. Decisões são tomadas sem a presença indígena, gerando portanto conflitos entre estas práticas e a própria legislação que garante seus direitos.

O estudante Pure Urueuwauwau, 2020, nos conta sobre sua experiência, "o conhecimento do Intercultural me ajuda ter mais opinião mais crítico, me ajuda a pensar de como melhorar meu trabalho para minha comunidade atendendo as necessidade da escola" e ainda observa sobre como desenvolveu mais sua crítica em relação a seus direitos, inclusive para poder reivindicar junto a Secretaria de educação,

Aprendi muita coisa no intercultural, aprendi a desenvolver as coisas que já andava pensando, como por exemplo; muitas vezes nós professores indígena tínhamos que seguir as regras da SEDUC, sendo que nós professores não podíamos dizer nada contra a fala deles. (PURE Urueuwauwau, 2020)

Também ressalta que os conhecimentos advindos da formação intercultural têm contribuído para a melhoria do trabalho na escola da comunidade.

O conhecimento que adquiri na Licenciatura da Educação Básica do Intercultural e tô adquirindo ainda, essa formação está sendo muito gratificante para mim. Primeiro que nós professores indígenas que



trabalhamos em sala de aula para nossa comunidade precisávamos dessa qualificação de formação, dando qualidade de ensino para nossos alunos, também nessa formação aprendemos a planejar melhor nosso trabalho e ajudar muito para comunidade ter um professor qualificado para lecionar as disciplinas na base da realidade de um povo. (Pure Urueuwauwau, 2020)

Outro estudante da educação intercultural, do povo Wari Oro waram Xijein, comentou em atividades em uma aula ministrada por mim, que era uma grande responsabilidade dos graduandos se formarem e voltarem para as comunidades com seus aprendizados, a serem aplicados nas escolas. Observa atento que a Secretaria estadual de educação não contribui como deveria para que a escola indígena seja realmente diferenciada, e forte o suficiente na formação dos alunos.

Antes de ingressar na Universidade Federal de Rondônia, sabia da responsabilidade de estar na unir representando o meu povo que espera por mim na base por minha formação. Diante dos problemas encontrados na educação indígena a falta de professores capacitados para trabalharem em suas escolas e vendo as nossas crianças com dificuldades de aprendizagem nas duas línguas, isso nos incentivou que precisamos nos formar para dar o aprendizado em nossas comunidades. Sei o quanto a nossa educação é fragilizada por parte da secretaria de educação do estado, mas sabemos que a educação nossa depende da nossa formação com professores indígenas formados e capacitados com intuito de pensar, tenho capacidade de formar um aluno da minha comunidade. ORO WARAM XIJEIN.2020

A mesma reflexão é evidenciada, pelo professor indígena Armando Jabuti, que comenta o quanto a universidade trouxe novas visões e em especial em relação ao que deve ser feito nas escolas das aldeias para que sejam realmente diferenciadas.

A universidade hoje está trazendo uma visão muito diferente do que eu tinha antes, porque hoje a gente vê que nossas escolas ainda precisam ser melhoradas, precisam de muitas coisas, precisamos organizar para que ela realmente seja vista como uma escola indígena diferenciada e de qualidade, mas isso vai depender do nosso esforço porque está garantido na lei que a gente tem que construir a nossa escola dentro de nossa realidade e que nós, junto com a comunidade precisamos levar essas considerações mais adiante pra que isso realmente aconteça. Então pra mim a Universidade está trazendo muitas soluções está também mostrando coisas que precisam ser solucionadas para que a escola seja uma escola diferenciada, bilíngue, e intercultural de qualidade. Então para mim a Universidade tem e está trazendo esta visão, mas é muito trabalhoso, a gente tem que dar uma continuidade neste trabalho e a gente vai fazer com que nossa escola seja uma escola indígena de verdade. (Armando JABUTI, 2015 apud DJEOROMITXI, 2015: 57, 58)



Os desafios são inúmeros, veja se o que Gersen Baniwa nos ensina sobre a escola indígena e seu papel político de valorização das línguas e culturas indígenas:

Se a moderna escola indígena, de acordo com as leis e normas brasileiras, tem que ser intercultural, bilíngue/multilíngue, específica e diferenciada, as línguas indígenas deveriam ser pilares fundamentais de sua organização curricular e político-pedagógica. Se é por meio das línguas tradicionais que os povos indígenas transmitem seus saberes milenares, não é difícil concluir que as escolas indígenas por não considerarem tais saberes, contrariando os discursos modernos do politicamente ou pedagogicamente corretos da educação escolar indígena, não contribuem para a transmissão e continuidade viva das línguas, dos saberes e das culturas indígenas. (BANIWA, G. 2016)

Portanto, os conceitos da interculturalidade, e o bilinguismo/multilinguismo, devem ser considerados em toda a sua importância nas escolas indígenas, pois

representam para a continuidade histórica dos povos indígenas e dos seus saberes e modos de vida. Sem as suas línguas não é possível garantir a continuidade dos processos educativos tradicionais desses povos. Muitos aspectos materiais e imateriais, centrais nas culturas indígenas, só podem ser transmitidos por meio das lógicas e estruturas das línguas tradicionais. (BANIWA, 2016)

Daí se apreende a relevância das licenciaturas interculturais e a formação dos professores bilíngues. Neste sentido o depoimento de Gamalono Surui, em seu trabalho de conclusão de curso (2015) quando afirma

Este estudo foi motivado em um primeiro momento, pela minha trajetória na universidade escolhendo a área Ciências da Linguagem Intercultural, ao escolher esta área os meus olhares ficaram mais atentos às questões relacionadas ao uso da língua na comunidade e ao ensino das línguas portuguesa e materna na escola. Também comecei a perceber que mesmo sendo a língua Paiter muito utilizada no cotidiano da aldeia, havia muitos empréstimos entre os jovens, motivados pelo contato com as cidades, com os meios de comunicação e poderia ter outros motivos. Neste contexto de pressão linguística e cultural que o povo Paiter vem sofrendo, a escola pode e deve desempenhar um papel importante no fortalecimento da cultura e da língua Paiter, mas eu não tinha certeza se a escola desempenhava este papel. Então resolvi, no meu estudo, analisar se o ensino da língua materna na escola Isidoro de Sousa Meirelles fortalece o uso da língua Paiter nos contextos sociais da comunidade. A minha maior motivação, então, foi a de contribuir com o meu trabalho como professor da área de linguagem para o fortalecimento da língua e da cultura Paiter. (SURUI, 2015:38)



Em outras experiências de Licenciaturas Interculturais como na UFMG, Almeida observou que era justamente a afirmação da identidade étnica uma das maiores contribuições do curso. Em suas palavras

Para as etnias envolvidas com os projetos de formação de educadores interculturais na UFMG, na área de Língua, Arte e Literatura, os maiores ganhos desta formação se relacionam com a afirmação de suas identidades étnicas. Isto tem provocado uma reavaliação entre nós dos valores do mundo rural, das energias alternativas, das pinturas corporais, das músicas e danças, das narrativas e dos cantos, das línguas em extinção. (ALMEIDA, 2009: 253,4)

A importância da recuperação e da valorização das línguas indígenas, e destaque nas licenciaturas. Em Rondônia, como vimos nas narrativas dos professores indígenas, uma das maiores preocupações e contribuições vêm sendo justamente na área da valorização linguística. Em Minas Gerais, na licenciatura ufm, também destaca se como resultado significativo a revitalização línguas

... como a Krenak, a Pataxó e, numa certa dimensão, a Xacriabá (em tese, não há mais falantes desta língua). Atualmente, entre os Krenak, sua língua originária, com o trabalho dos últimos falantes na escola, é falada no cotidiano da aldeia, e não apenas nos momentos festivos e rituais. Com isto, a vegetação e os animais, que antigamente viviam no território, estão retornando. Pronunciados seus antigos nomes, as espécies tornam-se existentes, embora ainda não reais, e empreende-se a busca pelas sementes, mudas, matrizes, o que acaba gerando a recriação da paisagem, que se faz realidade nova, tributária da memória. Esta relação ecológica entre língua, literatura, vida e terra é uma das principais questões teóricas que orientam e integram as diversas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Literaterras. (ALMEIDA, 2009: 254)

Concordando com estas palavras, também Gersen Baniwa, destaca que um dos desafios

O terceiro e principal desafio é como e o que fazer para que a escola possa se tornar uma aliada estratégica na valorização das línguas e culturas indígenas, inclusive, no enfrentamento e superação das práticas e culturas colonialistas. Particularmente, a escola indígena (escola da/na comunidade indígena) assume um papel essencial e focal nessa complexa missão da qual não pode se eximir. (BANIWA; 2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando a reflexão citada anteriormente, de José Roberto Jabuti, quando comenta que "na verdade a escola indígena não funciona de acordo com a formação que tivemos no



intercultural”, entende-se que existem dificuldades em colocar na prática, a teoria, os conhecimentos adquiridos na universidade, justamente pela colonialidade desta instituição.

Entretanto, concluindo juntamente, com este pensamento de Baniwa 2016, acredita-se que "existe a possibilidade concreta da escola indígena ser uma poderosa aliada na luta pelo resgate e valorização das línguas e culturas indígenas que, em tese, somente precisaria da decisão política de fazer ou pelo menos deixar fazer por parte do próprio Estado.” Sendo assim, as principais contribuições da formação intercultural feita atualmente nas universidades brasileiras, são: a possibilidade de crítica e de reflexão dos professores indígenas sobre suas próprias práticas na educação escolar em suas aldeias, mas, em especial, a valorização de suas culturas, línguas e territórios, como um caminho para a descolonização dos saberes e da escola indígena.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras. S.P. 2019.

ALMEIDA, M. I. **Formação intercultural de educadores indígenas na área de língua, arte, literatura, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)** [Brasil] Educación Superior, Colaboración Intercultural y Desarrollo Sostenible/Buen Vivir. Experiencias en América Latina / coordinado por Daniel Mato.-Caracas: UNESCO-IESALC, 2009.

BANIWA, L. In ALBUQUERQUE, Gerson R (org.). **Das Margens**. Rio Branco: Nepan Editora, 2016.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. S. P. Brasiliense. 2001

CANDAU, V. M. F. e Oliveira, Luiz Fernandes. **Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e intercultural no Brasil**. In Educação em Revista | Belo Horizonte | v.26 | n.01 | p.15-40 | abr. 2010.

DAL BÓ, T. L. **A presença de estudantes indígenas nas universidades: entre ações afirmativas e composições de modos de conhecer**. Tese de doutorado. Dep. Antropologia /USP. SP. 2018.

DJEOROMITXI, A. **O fortalecimento da língua e cultura Djeoromitxi a partir da formação dos professores**. Monografia do Departamento de Educação Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia, 2015.



LEONEL, M. **A morte social dos rios conflito, natureza e cultura na amazônia.**
IAMA. Ed. Perspectiva. SP 1998.

OROWAJE , Wem Cacami Cao. **Saberes Matemáticos do povo CAO OROWAJE.**
TCC trabalho de conclusão de curso. Dep. Educação intercultural. UNIR. 2015.

PORTO GONÇALVES, C. W. **Pela Vida, pela Dignidade e pelo Território: um novo léxico teórico político desde as lutas sociais na América Latina/ Abya Yala/Quilombola** IN Polis, Revista Latinoamericana, Volumen 14, Nº 41, 2015, p. 237-251

SOUSA SANTOS, B. **La refundación del estado en América Latina: perspectiva desde una epistemología del sur.** IVIC Caracas. 2010.

SURUI, Gamalono. **“O ensino de línguas na escola PAITER: Instrumento de fortalecimento cultural?”** TCC trabalho de conclusão de curso. Educação intercultural. UNIR. 2015.

TAKUA, Cristine. **Seres criativos da floresta.** Cadernos Selvagens. 2020.